

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**OS MBAYÁ-GUAICURÚ: área, assentamento,
subsistência e cultura material**

ANA LUCIA HERBERTS

Orientador: Prof. Dr. Pedro Ignacio Schmitz

São Leopoldo, maio de 1998.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**OS MBAYÁ-GUAICURÚ: área, assentamento,
subsistência e cultura material**

ANA LUCIA HERBERTS

Orientador: Prof. Dr. Pedro Ignacio Schmitz

Dissertação apresentada como requisito parcial e último para a obtenção do grau de Mestre em História, na área de Estudos Históricos Ibero-Americanos.

São Leopoldo, maio de 1998.

Para Zeca, meu marido, pelo amor,
companheirismo, compreensão e paciência.

Para Omar e Erna, meus pais, pelo apoio e
incentivo.

Los mbyás se creen la nación más noble del mundo, la más generosa, la más formal en el cumplimiento de su palabra con toda lealdad y la más valiente. Como su talla, la belleza y elegancia de sus formas, así como sus fuerzas, son bastante superiores a las de los españoles, ellos consideran a la raza europea como muy inferior a la suya. En cuanto a la religión, carecen de ella, y no se observa entre ellos nada que se refiera a este fin ni a la vida futura. Se encuentran algunos que para explicar su primer origen se expresan así: “Dios creó al principio todas las naciones tan numerosas como son hoy, no contentándose con crear un solo hombre y una sola mujer, y las distribuyó sobre toda la superficie de la Tierra. Posteriormente pensó en crear un mbyá con su mujer; y como había ya dado toda la Tierra a las otras naciones, de manera que no le quedaba nada que distribuir, ordenó al ave llamada caracara ir a decirles de su parte que estaba muy pesaroso de no tener terreno que darles, y que por esto sólo había creado dos mbyás; pero que para remediarlo les ordenaba andar siempre errantes por el territorio de los otros y no cesar nunca de hacer la guerra a todas las naciones, matar a todos los hombres adultos y adoptar los niños y las mujeres para aumentar su número.” (Azara, 1969, p. 220-21)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer às pessoas que, de uma forma ou outra, colaboraram na realização deste trabalho:

A Pedro Ignacio Schmitz, meu orientador, que acreditou na minha capacidade e me acompanhou com dedicação e empenho nesta caminhada. Também agradeço a ele por ter aberto as portas do Instituto Anchieta de Pesquisas, permitindo livre acesso ao grande acervo documental da instituição, assim como à sua biblioteca particular.

Aos amigos Sirlei Elaine Hoeltz e André Luis Soares, que realizaram a revisão crítica deste trabalho, propondo sugestões importantes e cruciais.

Ao pessoal do Instituto Anchieta de Pesquisas, especialmente a André Osorio da Rosa, pelo auxílio na identificação das espécies faunísticas e florísticas; a Ivone Verardi, pela ajuda na localização de obras; a Luis Fernando Laroque, pela troca de textos teóricos; e

às colegas de mestrado e pesquisa Magna Lima Magalhães e Neli Galarce, pelas indicações bibliográficas e trocas de informações.

Aos responsáveis pelas versões em língua portuguesa dos textos em língua estrangeira: Paulo Possamai, pelos textos em italiano; Márcia Fernanda dos Santos, pelos textos em inglês; e Gladis Maria Schmidt, pelos textos em alemão.

À colega de mestrado e amiga Gertha M. G. Wild, pela revisão do abstract.

A Marcus Mello, pela revisão gramatical do texto.

A José Ronaldo Soares, pela assessoria na área de informática, auxiliando na instalação e funcionamento de Hardware e Software.

Às funcionárias Marta Teresinha Heck e Aline Büller, do Programa de Comutação Bibliográfica (COMUT) da Biblioteca Central da Unisinos, que muito auxiliaram na localização e obtenção de trabalhos existentes nos acervos de outras instituições.

A meu marido Zeca e à minha família, que me acompanharam e apoiaram ao longo da minha vida acadêmica.

Ao Conselho Nacional de Pesquisa – CNPq, pela concessão de uma bolsa de mestrado durante o período de março de 1996 a fevereiro de 1998, que me auxiliou financeiramente no desenvolvimento do presente trabalho e possibilitou a dedicação exclusiva ao curso.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURA	XII
LISTA DE QUADROS	XIV
RESUMO	XVII
ABSTRACT	XVIII
INTRODUÇÃO	01
1 - FONTES DE PESQUISA	11
2 - HISTÓRIA DOS MBAYÁ-GUAICURÚ: PANORAMA GERAL	19

3 - HABITAT	59
3. 1 - DELIMITAÇÃO DA ÁREA DE OCUPAÇÃO	59
3. 1. 1 - Núcleo Sul: Guaicuru	60
3. 1. 2 - Núcleo Norte: Mbayá	65
3. 2 - ASPECTOS GERAIS DO AMBIENTE FÍSICO	88
4 - ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO: ASSENTAMENTOS E ESTRUTURAS	95
4. 1 - TIPOS DE ASSENTAMENTOS	97
4. 1. 1 - Assentamentos Chaquenhos	97
4. 1. 2 - Assentamentos na região do Pantanal e áreas periféricas	101
4. 1. 3 - Assentamentos Estáveis Kadiwéu	106
4. 2 - ESTRUTURAS DE HABITAÇÃO	117
4. 3 - ESTRUTURAS DE COMBUSTÃO	135
4. 4 - ESTRUTURAS FUNERÁRIAS	137
5 – SUBSISTÊNCIA	149
5. 1 – CAÇA	150
5. 2 – PESCA	172
5. 3 – COLETA	179
5. 4 – CULTIVO	191

5. 5 - ANIMAIS DOMESTICADOS	196
5.5.1 – Cavalo	198
5.5.2 – Outros animais	202
5. 6 - ANIMAIS SELVAGENS AMANSADOS	203
6 - CULTURA MATERIAL	207
6. 1 - EQUIPAMENTOS DE SUBSISTÊNCIA E / OU DE GUERRA	208
6. 1. 1 - Arco	208
6. 1. 2 - Flecha	214
6. 1. 3 - Arpão	224
6. 1. 4 - Lança e azagaia	226
6. 1. 5 - Borduna	229
6. 1. 6 - Armadilhas	232
6. 1. 7 - Arma para a degola	233
6. 1. 8 - Bodoque	234
6. 1. 9 - Laço	236
6. 1. 10 - Boleadeira	237
6. 1. 11 - Armas de fogo	238
6. 1. 12 - Artefatos de metal	239
6. 1. 13 - Armas defensivas	242
6. 1. 14 - Artefatos líticos	242

6. 1. 15 - Canoa e remo	245
6. 2 - EQUIPAMENTO DE USO DOMÉSTICO E DE TRABALHO E ARTEFATOS	
DE USO PESSOAL	248
6. 2. 1 - Cerâmica	249
6. 2. 1. 1 - Bilha	260
6. 2. 1. 2 - Jarra	262
6. 2. 1. 3 - Moringa	263
6. 2. 1. 4 - Panela	264
6. 2. 1. 5 - Tigela	265
6. 2. 1. 6 - Prato	267
6. 2. 1. 7 - Outros	269
6. 2. 2 - Tecelagem	273
6. 2. 2. 1 - Tecidos para conforto pessoal	273
6. 2. 2. 2 - Tecidos para transporte	274
6. 2. 2. 3 - Tecidos para vestuário e adornos	277
6. 2. 2. 4 - Implementos para tecer	286
6. 2. 3 - Trançado	287
6. 2. 3. 1 - Trançados para uso doméstico e conforto pessoal	288
6. 2. 3. 2 - Trançados para uso e adorno pessoal	291
6. 2. 4 - Utensílios em cabaça	291
6. 2. 5 - Manufatura em madeira	295

6. 2. 5. 1 - Utensílios para o preparo de alimentos	295
6. 2. 5. 2 - Utensílios para uso doméstico	295
6. 2. 5. 3 - Objetos de uso pessoal	296
6. 2. 5. 4 - Aparelhos para estimulantes	296
6. 2. 6 - Manufatura em couro	299
6. 2. 7 - Manufatura em concha, ossos, chifres, dentes, unhas e sementes	302
6. 2. 7. 1 - Utensílios de uso doméstico	302
6. 2. 7. 2 - Objetos de uso pessoal	302
6. 2. 8 - Manufatura em metal	308
6. 2. 9 – Outros.....	313
CONCLUSÃO	315
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	323

LISTA DE FIGURAS

1 - Mapa da segunda metade do século XVIII elaborado pelo missionário José Sánchez Labrador (1910).....	40
2 - Vista parcial do <i>Mapa Etno-histórico</i> de Curt Nimuendaju (1987), localizando as tribos Mbayá.....	41
3 - Vista parcial do mapa dos grupos indígenas no Chaco e na margem oriental do rio Paraguai, com a localização das tribos Mbayá.....	42
4 - Região onde vive atualmente o grupo Kadiwéu no estado do Mato Grosso do Sul	58
5 - Itinerário de Cabeza de Vaca	60
6 - Planta de um trecho do rio Paraguai, onde se localizaria o porto de Candelária	67
7 - Planta da posição do Fecho dos Morros.....	70
8 - Os grupos étnicos do Gran Chaco em fins do século XVI.....	71
9 - Os grupos étnicos do Gran Chaco cerca de 1720.....	73
10 - Mapa da região habitada pelos Kadiwéu em 1892, com a localização das três aldeias	84
11 - Mapa do território reservado aos Kadiwéu pelo governo de Mato Grosso	86

12 - Vista parcial do <i>Mapa Étnico de Boggiani</i> (1900), demonstrando a área habitada pelos Mbayá no século XIX, ressaltando o território Kadiwéu.....	87
13 - Mapa parcial do Pantanal.....	92
14 - Mapa parcial abrangendo as regiões do Chaco, Pantanal e áreas adajacentes habitadas pelos Mbayá-Guaicurú.....	94
15 - Acampamento Mbayá em Albuquerque.....	100
16 - Esboço em aquarela da aldeia do Capitão Nauwilo à margem do rio Nabileque	107
17 - Esboço em aquarela da aldeia de Nalique. Esplanada diante das casas	108
18 - Aquarela do engenho para extração de caldo de cana-de-açúcar.....	112
19 - Aquarela do tacho para condensação do caldo de cana-de-açúcar.....	113
20 - Vista parcial da aldeia do Tuyuyú.....	115
21 - Esquema da fachada frontal da habitação Mbayá-Guaicurú.....	124
22 - Esquema da planta baixa da habitação Mbayá-Guaicurú.....	124
23 - Tribo Guaicurú em busca de novas pastagens.....	127
24 - As casas de Chico Tereno e do Capitãozinho da aldeia de Nalique.....	130
25 - Esboço a lápis do interior das casas da aldeia de Nalique.....	132
26 - Família Kadiwéu diante de sua casa.....	134
27 - Pouso para o almoço durante uma caçada.....	163
28 - Acampamento Kadiwéu durante uma caçada.....	166
29 - Kadiwéu caçando uma onça-pintada (<i>Panthera onca</i>).....	167
30 - A pesca de surubi (<i>Pseudoplatystoma corruscans</i>).....	175
31 - Mbayá carregando um peixe.....	176
32 - Tática de montaria Guaicurú.....	201
33 - Partes componentes do arco.....	209
34 - Ilustração de um Guaicurú empunhando arco e flecha.....	212
35 - Guerreiro Kadiwéu trajado conforme a antiga tradição.....	213

36 - Equipamentos de subsistência Kadiwéu.....	214
37 - Partes componentes da flecha.....	215
38 - Grupo 1 - Pontas de flecha de madeira.....	216
39 - Grupo 2 - Pontas de flecha de taquara.....	216
40 - Grupo 3 - Pontas de flecha de osso.....	217
41 - Grupo 4 - Pontas de flecha de ferro.....	217
42 - Grupo 5 - Pontas rombudas - vários materiais.....	217
43 - Flecha encaixe de osso.....	220
44 - Flechas fisga.....	222
45 - Flecha rombuda virote.....	223
46 - Mbayá-Guaicurú empunhando uma lança.....	228
47 - Bodoque Kadiwéu.....	235
48 - Lâminas de machado de pedra.....	244
49 - Pequenos pratos para recolher água nas nascentes.....	256
50 - Vasilhames cerâmicos Kadiwéu.....	257
51 - Quatro hematitas e um pedaço de carvão.....	258
52 - Bilhas Kadiwéu zoomorfas.....	260
53 - Bilhas Kadiwéu.....	261
54 - Jarras Kadiwéu.....	263
55 - Moringas Kadiwéu.....	264
56 - Panela Kadiwéu.....	265
57 - Tigelas Kadiwéu.....	266
58 - Grandes pratos Kadiwéu.....	268
59 - Vasilha globular e dois potes cilíndricos.....	270
60 - Cerâmica funerária Mbayá-Kadiwéu.....	272
61 - Bolsas de rede feitas de fibra de imbira (Bromeliaceae).....	274

62 - Bolsa de fibra de caraguatá entrelaçada.....	275
63 - Bolsas tecidas em algodão.....	276
64 - Pano de algodão.....	279
65 - Tear para tecer cintos.....	280
66 - Disposição dos fios sobre o tear.....	281
67 - Cintos ornados de contas.....	282
68 - Cintos tecidos em algodão branco e lã vermelha.....	282
69 - Toucados para o chefe.....	283
70 - Cinto e faixa Kadiwéu tecidos.....	284
71 - Posição das contas de vidro brancas e azuis em uma colcha Kadiwéu	285
72 - Decoração da extremidade inferior do tecido de uma colcha Kadiwéu.....	285
73 - Espátulas de madeira para tecer.....	286
74 - Cesto de folhas de <i>etchate</i> ou acuri (<i>Scheelea phalerata</i>) contendo algodão, três fusos e uma massaroça de algodão fiado.....	289
75 - Leque Kadiwéu.....	290
76 - Esteira de folhas de palmeira.....	290
77 - Chapéu de folhas de palmeira.....	292
78 - Recipientes de cabaça para armazenar pasta de urucu (<i>Bixa orellana</i>).....	293
79 - Recipientes de cabaça Kadiwéu.....	294
80 - Cachimbos Kadiwéu em madeira esculpida.....	297
81 - Cachimbos em madeira.....	298
82 - Couro bovino pintado com o suco de jenipapo (<i>Jenipa americana</i>).....	301
83 - Pequenos pentes de chifre ornados de entalhes e desenhos gravados.....	304
84 - Grampo de cabelo Kadiwéu.....	305
85 - a) Anel de osso; b) Anel de coco.....	306
86 - Adornos Kadiwéu confeccionados em concha, dentes, unhas e sementes.....	307

87 - Ornamento com moedas.....	310
88 - Brincos em prata.....	310
89 - Anel de prata	311
90 - Colares.....	312
91 - Pequenas pinças depilatórias de metal.....	313

LISTA DE QUADROS

1- População Mbayá-Guaicurú em 1848 e 1872.....	83
2 - Espécies faunísticas exploradas.....	171
3- Espécies de peixes explorados	178
4- Espécies florísticas exploradas.	189
5- Espécies florísticas cultivadas	196

RESUMO

Este trabalho estuda a área, o assentamento, a subsistência e a cultura material do grupo indígena Mbayá-Guaicurú entre os séculos XVI e XIX, a partir da revisão e análise das fontes etno-históricas escritas. Buscou-se construir um modelo etnográfico do assentamento, para auxiliar as pesquisas arqueológicas nas áreas historicamente habitadas pelo grupo, visando compreender a adaptação Mbayá-Guaicurú nos diferentes ambientes e sua organização espacial.

O grupo habitou inicialmente no século XVI a região do Chaco, dividido em dois núcleos: o núcleo do sul (Guaicurú), localizado na margem ocidental do rio Paraguai, próximo à cidade de Assunção; e do norte (Mbayá), também na margem ocidental do Alto Paraguai. A partir de meados do século XVII, começou a ocupar paulatina e paralelamente também a margem oriental do rio Paraguai, correspondente a região do Pantanal e áreas

periféricas, que se tornou no século XVIII a principal área ocupada. Em fins do século XIX, o território habitado pelo grupo concentrava-se em áreas abrangidas pelo atual estado brasileiro do Mato Grosso do Sul.

Para os assentamentos Mbayá-Guaicurú podem-se distinguir: a) assentamentos chaquenhos, caracterizados por uma ocupação temporária, com deslocamentos constantes em busca de áreas propícias; b) assentamentos na região do Pantanal e áreas adjacentes, com assentamentos sazonais, variando os locais conforme o ciclo das inundações e da seca, e com assentamentos mais estáveis de áreas não inundáveis; c) assentamentos estáveis Kadiwéu, caracterizados por aldeias semi-sedentárias e a ocupação conjugada de acampamentos temporários como os aterros para as atividades subsistências como, por exemplo, na época das caçadas de veados (*Cervidae*) ou da colheita de acuri (*Scheelea phalerata*) e bocaiúva (*Acrocomia aculeata*).

A subsistência Mbayá-Guaicurú baseava-se nas atividades de caça, pesca e coleta, realizadas pelo grupo conforme os recursos faunísticos e florísticos propiciados pelo ambiente. O cultivo de produtos agrícolas somente surge com a maior estabilidade dos assentamentos a partir do século XIX. A criação de animais domésticos é desenvolvida a partir de novas possibilidades coloniais, destacando-se rebanhos eqüinos e bovinos. O cavalo torna-se um dos elementos coloniais mais importantes para os Mbayá-Guaicurú. A sua adoção implicou na conseqüente reorganização social do grupo e sua transformação em sociedade eqüestre.

ABSTRACT

The author collected dates concerning the settlements and the culture of the Indian groups Mbayá-Guaicurú, and the areas they have occupied in the period of the 16th to 19th centuries. He made use of the written ethno historical sources to obtain these dates.

For the analysis of the sources them, an ethnographical pattern of the Indian settlements has been created. The results of this work can be used as a support to the archeological researches in the areas inhabited by those groups.

Early in the 16th century the Mbayá-Guaicurú inhabited the Chaco region divided in two centers: the Guaicurú groups settled on the Western bank of Paraguay River, next to Asunción village; and the group Mbayá settled at North, on the Western bank of Alto Paraguay. Since the beginning of the 17th century they would occupy, gradually and simultaneously, the Eastern bank – that means, the Pantanal region and nearby areas. At the

end of the 19th century, the groups inhabited territories today encircled by the Brazilian state of Mato Grosso do Sul.

The Mbayá-Guaicurú settlements can be distinguished as: a) *chaquenho* settlements: the occupation was temporary, the displacement was constant, people sought favorable lands; b) Pantanal and nearby areas settlements: they were seasonal, the groups selected the places according to the cycles of floods and droughts in the region; they had also stable settlements in uninundable areas; c) Kadiwéu stable settlements: included semi sedentary villages and conjugate temporary camps of hunting and collect – like those of the bucks (*Cervidae*) hunt or the “acurí” (*Schelea phalerata*) and the “bocaiúva” (*Acrocomia aculeata*) harvest.

Hunting, fishing and collect supported the Mbayá-Guaicurú subsistence, according to the environment’s faunal and floral resources. The increase of the agricultural activities took place in the 19th century, and the settlements became more stable. The colonization had introduced the equine and bovine herds in the region. The utilization of the horses had become very important to the groups – it caused the social reorganization that made the Mbayá-Guaicurú an equestrian society.

INTRODUÇÃO

Este trabalho visa o estudo da área, do assentamento, da subsistência e da cultura material Mbayá-Guaicurú. Estabeleceu-se um corte temporal para esta pesquisa, que começa no século XVI, com a conquista ibérica e a produção dos primeiros relatos escritos, e vai até o século XIX. Exclui-se o século atual, que é o mais bem documentado e trabalhado no que diz respeito aos remanescentes Mbayá-Guaicurú, os Kadiwéu. Optou-se por um recorte temporal, que abrange os séculos XVI, XVII, XVIII e XIX para proporcionar uma grade maior de conhecimentos à arqueologia no que se refere à toda transição provocada pelo contato com os colonizadores, com relação ao assentamento e ao modo de vida da sociedade Mbayá-Guaicurú.

O projeto do trabalho, concretizado na presente dissertação de mestrado, surgiu a partir do *Programa Arqueológico do Mato Grosso do Sul*, sob coordenação do Prof. Dr.

Pedro Ignácio Schmitz, que é mantido pelo convênio entre o Instituto Anchieta de Pesquisas, a Universidade do Vale do Rio dos Sinos e a Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. No desenvolvimento deste programa foi constatada uma diversidade de sítios arqueológicos, sugerindo diversas formas de ocupação, assim como vários grupos que teriam habitado a área. Esta diversidade exigia a identificação das culturas responsáveis pelos sítios arqueológicos pesquisados. Fez-se necessário, dessa forma, um estudo etnográfico das ocupações indígenas na área, que possibilitasse melhor compreensão e interpretação das evidências, além de complementar os dados arqueológicos levantados em campo.

Além da presente pesquisa, integram-se ao referido programa outros trabalhos buscando conhecer e compreender os grupos indígenas que ocuparam a região, como o de Oliveira (1995) sobre os Guató, o de Schuch (1995) sobre os Xaray e Chané e o de Magalhães (1997), em andamento, sobre os Payaguá; e os estudos sobre as missões religiosas com grupos indígenas, de Peixoto (1995) e de Schuch (1997).

A escolha do grupo indígena Mbayá-Guaicurú justifica-se: a) pelo fato de parte do seu território estar localizada na área de ação do programa anteriormente citado; b) por dispor de grande quantidade de material bibliográfico, documentando o grupo desde o século XVI; c) por fornecer aportes para a pesquisa arqueológica do grupo, a localização e identificação de seus eventuais sítios arqueológicos e a sua cultura material; d) pela importância histórica que o grupo Mbayá-Guaicurú teve frente à colonização ibérica e à definição dos limites territoriais do Brasil; e) por mostrar o processo de transformação, deslocamento e reorganização do grupo indígena como resultado do contato estabelecido com o colonizador.

A partir da problemática referida, tenta-se construir um modelo etnográfico do assentamento de um grupo indígena que ocupou determinadas áreas da região do Médio e Alto Paraguai: os Mbayá-Guaicurú. Busca-se, dessa forma, tornar a história do grupo mais visível, concatenando as informações disponíveis nas diversas disciplinas como a história, a etnologia, a antropologia e a lingüística; procurando contribuir também para as pesquisas arqueológicas na área, visando melhor compreensão da adaptação do grupo aos diferentes ambientes e à organização do espaço.

Neste sentido, procura-se reunir e analisar os dados culturais através da etno-história, entendida como “um conjunto especial de técnicas e métodos para estudar a cultura através do uso das tradições escritas e orais. Como metodologia, tem um caráter complementar, não só em relação à arqueologia, como também à lingüística histórica, à etnografia e à paleobiologia” (Karmack, 1979, p. 17). Segundo Binford (1988, p. 30) o uso de documentos históricos de diferentes classes é um dos campos de investigação que a arqueologia contemporânea está começando a desenvolver de forma significativa, pois “la existencia de documentos históricos que contienen observaciones hechos por individuos actuales sobre la dinámica de los yacimientos en el pasado permite escavarlos y, en base a los relatos existentes sobre dichos lugares, intentar relacionar lo que encontramos en el terreno con las informaciones históricas” (op. cit., p. 29).

Quanto à utilização da documentação histórica, Binford (loc. cit.) afirma que:

... servem não só para identificar os locais de ocupação antigos como também para informar-nos do que ali ocorria e qual nível de especialização artesanal existia, por exemplo, com detalhes referentes à organização social do assentamento. Uma vez conhecidos estes aspectos sobre a dinâmica do assentamento, estamos em condições de escavar a jazida e relacionar os achados com as notícias que possuímos sobre as atividades e processos que tiveram lugar no passado.

No trabalho, procura-se mostrar as mudanças do grupo de uma área geográfica para outra através de deslocamentos realizados a partir do contato com o europeu e a conseqüente ocorrência de diferentes tipos de assentamentos; a transformação de grupos pedestres em eqüestres e / ou canoieiros e a introdução e assimilação de novos elementos culturais.

Para tanto, foi necessário revisar a produção histórica escrita que fornecesse dados sobre o grupo, contidos em documentos históricos produzidos por exploradores, militares, cronistas, viajantes, religiosos e autoridades administrativas. Realizou-se um amplo levantamento das fontes escritas, seguido da sistematização em fichas de todo o material disponível, ficando de fora uns poucos trabalhos de difícil acesso ou que não possuíam grande importância, o que não prejudicaria os resultados do trabalho. A confecção dos fichamentos e a classificação dos dados culturais seguiu a orientação do *Guía para clasificación de los datos culturales* (Murdock et al., 1963).

Organizou-se uma ficha para cada obra ou documento pesquisado, reunindo os dados de interesse, como áreas, subsistência, assentamento, movimentação, habitação, tradição funerária, equipamentos domésticos, armas, etc.

Este trabalho segue, em grandes linhas, a metodologia proposta por Binford (1967 e 1980), Chang (1967) e outros, que produziram regionalmente alguns trabalhos relevantes recentes, como o de Noelli (1993), o de Lavina (1994) e o de Oliveira (1995), que utilizaram dados arqueológicos, etnográficos, etno-históricos e / ou lingüísticos, discutindo questões pertinentes à arqueologia moderna. Nossa pesquisa não tem a pretensão de ser um trabalho etno-arqueológico, isto é, “el estudio de las sociedades actuales desde el punto de vista arqueológico” (Renfrew e Bahn, 1993, p. 162), na medida em que se utiliza exclusivamente de fontes escritas, ou seja, é um trabalho de cunho etno-

histórico, visando abordar elementos materiais que venham a auxiliar e / ou complementar pesquisas arqueológicas.

A partir desta proposta recorreu-se à etno-história, como método interdisciplinar. Segundo Nuñez (1975) e Trigger (1982), a arqueologia pode servir-se da etno-história, “enquanto método antropológico, estudando a ‘pré-história’ como parte integrante da história nativa, não deixando de fora, em princípio, nenhum setor espaço-temporal” (Oliveira, 1994-95, p. 160). O uso de registros escritos, dentro de uma proposta etno-histórica, pode fornecer dados úteis para os estudos de arqueólogos e etnólogos (Cline, 1972, p. 5). Nesta perspectiva, Cline (ibid., p. 6) aponta como uma tarefa da etno-história preencher a lacuna na continuidade entre as descobertas da arqueologia e da etnologia.

Não se utilizou a possibilidade da história oral com os remanescentes atuais de uma das antigas tribos Mbayá-Guaicurú, os Kadiwéu da Reserva Indígena da Bodoquena, no sul do estado do Mato Grosso do Sul, pois optou-se por estudar o período antigo da história do grupo, anterior ao século XX. Esta técnica, portanto, não possibilitaria obter informações relativas a séculos anteriores ao atual.

Com relação à denominação, optou-se pela utilização do termo Mbayá-Guaicurú para designar o grupo indígena em questão, por se considerar o termo mais adequado. Os autores, tanto de origem portuguesa como espanhola, especialmente nos séculos XVIII e XIX, usam indiscriminadamente os termos “Guaicurú” ou “Mbayá” nas fontes primárias para o mesmo grupo indígena. Além disso, o designativo “Guaicurú” é muito utilizado para expressar o tronco lingüístico, confundindo-se o grupo indígena concreto. Somente usa-se “Guaicurú” ou “Mbayá” especificamente quando estes termos correspondem à nucleação sul e a norte respectivamente, ou seja, a ocupação de dois espaços distintos principalmente no que se refere aos séculos XVI e XVII.

Os textos em língua estrangeira utilizados neste trabalho, exceto os de língua espanhola, foram traduzidos para versões em português, mas a referência foi mantida como no texto original na língua estrangeira.

Esta dissertação foi organizada da seguinte maneira:

No primeiro capítulo faz-se uma apresentação das fontes de pesquisa escritas utilizadas no trabalho. Nesta revisão da literatura, mostra-se quais autores escreveram de forma direta ou indireta sobre o grupo, situando-os em relação ao tempo em que escreveram e ao caráter da obra.

No segundo capítulo relata-se, de forma genérica, a história do grupo a partir do início da conquista e colonização espanhola, trazendo-a até os dias atuais. Procura-se caracterizar a diversidade de tribos existentes dentro do grupo, as migrações realizadas e as mudanças culturais ocorridas. Relacionam-se os principais eventos históricos referentes aos Mbayá-Guaicurú, bem como a sua participação neles. São apresentadas ainda as informações relativas à classificação do tronco lingüístico e às relações estabelecidas ao longo do tempo com os outros grupos indígenas e com as sociedades nacionais.

O terceiro capítulo está centrado na delimitação da área geográfica ocupada pelo grupo durante os séculos, dividida em duas áreas de ocupação: uma mais ao sul e outra mais ao norte. Descrevem-se, ainda, as principais características das diferentes regiões habitadas.

No quarto capítulo são abordados os tipos de assentamentos e suas estruturas nas diferentes áreas habitadas pelas distintas tribos Mbayá-Guaicurú.

O quinto capítulo aborda questões relativas à subsistência, apresentando dados a respeito da caça, da pesca, da coleta, do cultivo e da criação de animais “domesticados” e “amansados”.

No sexto capítulo faz-se uma descrição detalhada dos equipamentos de subsistência e / ou empregados na guerra, e os equipamentos de uso doméstico e pessoal, demonstrando a funcionalidade dos artefatos, assim como os processos empregados para a sua confecção.

A análise da literatura pertinente propiciou a identificação e a descrição de tipos diferentes de assentamentos do grupo e não um único modelo. Esta diversidade é decorrente da relação de três variáveis: o tempo, o espaço e as diferentes tribos enquanto pedestres ou eqüestres. As mudanças se refletem no tipo de habitação, no padrão e nos equipamentos de subsistência e uso doméstico. Em termos de organização social, tais transformações fazem com que estes se reorganizem em grupos eqüestres divididos em várias tribos, com estamentos distintos, sendo o dos guerreiros bastante valorizado.